

## **História das revistas piauienses nos séculos XIX e XX<sup>1</sup>**

Mayara Sousa Ferreira<sup>2</sup>

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

### **Resumo**

O objetivo desse artigo é relatar a história das primeiras e mais importantes revistas do Piauí nos séculos XIX e XX, a partir de uma pesquisa descritiva histórica documental. Iniciamos a discussão sobre as conexões existentes entre história e jornalismo, passando pelos conceitos de verdade e poder, em Foucault, e pelas considerações sobre história e memória, principalmente, em Le Goff. Ressaltamos as linhas limítrofes entre um campo e outro e destacamos a importância em pensar como o jornalismo se consolidou no espaço e no tempo para entender a história como elemento catalisador e constituinte da memória de um povo. Nesse aspecto, consideramos a trajetória das revistas piauienses com o propósito de entender a construção da história e da memória do veículo na sociedade local.

**Palavras-chave:** história; história das revistas piauienses; revistas.

### **Introdução**

Lugar de importância nas sociedades atuais, o campo da história, especificamente da historiografia, envolve a reconstrução social dentro de um espaço e tempo limitados. Por outro lado, a memória abrange os acontecimentos vivenciados por uma coletividade; ela é o lugar de recorrência ao passado. Os meios de comunicação desempenham papel relevante nesse contexto, pois contribuem para a construção da memória e também da história. Sendo assim, esses campos estão interligados mutuamente.

Embora existam diferenças evidentes entre um e outro, é notória a ligação existente entre história, memória e jornalismo. A comunidade acredita e vive coisas que não vivenciou, mas que foram narradas jornalisticamente, e passa a reproduzir enfaticamente como se estivesse vivenciado de perto. É por esse ponto que conduzimos a discussão desse artigo, elencando as conexões existentes entre as duas áreas interdisciplinares.

Na construção da narrativa, o jornalismo e a história trazem a tona a objetividade e a imparcialidade para chegar à verdade. O jornalismo está atrelado a uma condição de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT - História da Mídia Impressa, do Encontro Nacional de História da Mídia, evento componente da Alcar - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. A presente pesquisa foi orientada pela professora Doutora Ana Regina Rêgo e desenvolvida dentro do NUJOC e Projeto Memória, durante a pesquisa de mestrado no PPGCOM-UFPI.

<sup>2</sup> Jornalista pela Universidade Estadual do Piauí - Uespi. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí - PPGCOM-UFPI. Pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação - NUJOC. E-mail: ferreiramayara02@gmail.com.

verdade e a uma vontade de verdade (FOUCAULT, 1979), a afirmação do campo está ligada a isso, enquanto a consolidação da história está ligada a estruturas de poder, relações de poder. Percorremos esse debate conformando as contribuições de Foucault a respeito de verdade e poder para apontarmos pontos de distanciamento entre as áreas abordadas.

Novamente, percebemos que esses campos não podem ser entendidos isoladamente, pois eles se relacionam um com o outro. Entendemos o jornalismo como lugar de memória, com base em Rêgo (2012), e realçamos que a história é também constituinte da memória. Pensando no contexto local, problematizamos como se deu a consolidação do jornalismo de revista no Piauí e quais foram as principais revistas atuantes nas primeiras décadas. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é relatar a história das primeiras e mais importantes revistas veiculadas nesse estado durante os séculos XIX e XX.

Com o propósito de descrever características e estabelecer relações, assim como identificar os fatores que contribuem para a ocorrência de fenômenos, conduziremos o estudo nos moldes da pesquisa histórica - que se utiliza de um método descritivo e analítico, buscando fazer novamente o trajeto daquilo que já ocorreu, mas lançando um novo olhar - e documental, que possibilita o estudo a partir de dados passados, para "ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural" (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 2).

### **Relações entre jornalismo e história**

A história se relaciona com diversas áreas do conhecimento. Segundo Barros (2004, p. 18), os trabalhos historiográficos podem se situar em uma interconexão de campos, pois são vistos "como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular".

Embora a hiperespecialização seja comum na sociedade moderna e pós-moderna, criticamos, com Barros (2002, p. 21) a fragmentação e o isolamento de áreas e ressaltamos a necessidade da interligação entre os conhecimentos para entendimento geral da sociedade, pois "a história é sempre múltipla, mesmo que haja a possibilidade de examiná-la de perspectivas específicas", o seu isolamento pode até prejudicar a compreensão geral.

Do mesmo modo, Burke (2002) discute as relações da história com outros campos, especialmente a sociologia, e aponta métodos utilizados pelos historiadores e cientistas sociais, mostrando que uma área precisa da outra. Consequentemente, história não pode se

desvincular das ciências sociais. Mas para além da teoria social, optamos por apontar as relações entre história e comunicação, já que entendemos que nem uma nem a outra pode ser entendida isoladamente, pois os campos se inter-relacionam e a separação pode significar riscos.

Sendo assim, a relação do jornalismo com a história tem a ver com a relação do jornalismo com a memória, uma vez que ele ajuda na construção da mesma, onde se situa a história. Por um lado, o estudo da história refere-se à reconstrução social dentro de um espaço e tempo limitados. Por outro, a memória abarca os acontecimentos vivenciados por uma coletividade; ela é o lugar de recorrência ao passado, onde tudo permanece.

Entre as semelhanças ou proximidades entre os textos jornalístico e histórico está a busca da objetividade e imparcialidade. Segundo Le Goff (2013, p. 10 e 11), "a ciência histórica define-se em relação a uma realidade que não é construída nem observada, mas sobre a qual se indaga, se testemunha". Nessa construção da realidade histórica, o pesquisador traz à tona a objetividade, através de revisões, verificações e verdades parciais; e a imparcialidade, por meio de certo distanciamento entre autor e objeto.

Contudo, semelhante ao jornalismo, Le Goff (2013, p. 32) enfatiza que esses são objetivos inalcançáveis, porque "existem pelo menos duas histórias: a da memória coletiva e a dos historiadores". Neste caso, o meio social incide sobre as ideias do historiador, então, as perspectivas de interpretação, a concepção das causas das mudanças sociais e as próprias ideologias do sujeito influenciam o trabalho, podendo até limitar as consequências da objetividade e imparcialidade. Igualmente acontece no momento de apuração e construção do texto jornalístico. A subjetividade começa na seleção da pauta a ser noticiada, percorrendo a escolha das fontes e chegando à escrita da matéria. Não obstante os dois campos não cheguem à objetividade e à imparcialidade, a busca é constante.

Conforme Le Goff (2013, p. 36), a memória faz parte de um jogo de poder, onde podem existir manipulações, quer sejam conscientes, quer não. Sendo assim, mesmo que a memória ceda a interesses individuais ou de um grupo, a história tem como princípio a verdade. Portanto, "a objetividade histórica - objetivo ambicioso - constrói-se pouco a pouco através de revisões incessantes do trabalho histórico, laboriosas verificações sucessivas e acumulação de verdades parciais".

Nesse contexto aprofundamos a discussão a respeito da verdade nas duas áreas. Segundo Foucault (1979, p. 14), a verdade é discurso, é poder, podemos entendê-la como

"um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A 'verdade' está circularmente ligada a sistemas de poder que ela induz e que a reproduzem. 'Regime' de verdade".

Para Foucault (1979), existem lugares de verdade dentro de um regime de verdade criado pela sociedade. E regimes de verdade são os tipos de discurso que a coletividade acolhe e faz funcionar como verdadeiros, embora não se aproprie. O jornalismo está atrelado a uma condição de verdade e a uma vontade de verdade, a afirmação do campo está ligada a isso, assim como o campo da história, que tem sua consolidação ligada também a estruturas de poder, relações de poder. Mas, conforme o autor mencionado, o poder só pode ser exercido através da produção da verdade, porque é ela quem o gera, mas ao mesmo tempo, a verdade não existe fora do poder.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos de regulamentos de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Entendemos que jornalismo não pode ser considerado história por sua condição e imposição de subjetividade, que é muito maior que nessa área. Outro fator que justifica a afirmação diz respeito à questão temporal. O historiador tem tempo para pesquisar, investigar e se aproximar ao máximo da verdade sobre seu objeto, ao contrário do jornalismo, por causa das imposições temporais. Neste caso, não há tempo para o mesmo ato, contrariamente, o tempo é o grande imperativo do ofício.

Portanto, os dois campos vão se distanciar em pontos referentes à temporalidade. Os fatos são presentificados no discurso jornalístico, enquanto, no caso da historiografia, o discurso se centra no passado. A temporalidade influi, ainda, na questão metodológica, que varia de um para o outro, mas, ao mesmo tempo, é o principal ponto de proximidade e estranhamento dos dois campos.

A pressão que existe sobre o tempo faz com que ele seja cada vez mais efêmero no jornalismo, pois o ofício se preocupa muito com o tempo presente, que é raso, mutante e tem curtíssima durabilidade, conseqüentemente, se torna cada vez mais superficial. Não

obstante, os acontecimentos veiculados pelo jornalismo vão se perpetuar através da memória, porque o ofício atua na construção dela (RÊGO, 2012). Assim como o ofício jornalístico, a historiografia trabalha com singularidades, aquilo que não é comum, e também recorre à memória.

Pollak (1992, p. 203) afirma que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”, por conseguinte, ela é considerada elemento construído. Assim, reiteramos o papel do jornalismo nesse contexto, assegurando que o seu texto se perpetua na história, mesmo que a linguagem o mantenha no presente, ele influencia na construção e consolidação da memória de uma sociedade.

Portanto, o trabalho de enquadramento da memória pode ser organizado por jornalistas por meio da revificação do acontecimento como notícia. Seu desempenho repercute na formação e consolidação da memória coletiva e histórica. Por conseguinte, a história se alimenta da memória e busca nela vestígios para a reconstrução do passado pela historiografia. Assim, o jornalismo constrói a memória, mas também pode ser enquadrado como algo que está pautando a história, pois ajuda a organizar e estruturar os episódios a serem expressos à sociedade e lembrados por ela em temporalidades diferentes.

Pierre Nora (1974, p. 183-184) assegura que os meios de comunicação exercem papel inegável sobre os acontecimentos. Antes, era o distanciamento do tempo sobre os fatos, que conferia ao historiador privilégio de seu ofício. Mas, aquém do trabalho temporal, os acontecimentos chegam a ele "com muito mais força na medida em que os *media* impõem o vivido como história, e que o presente nos impõe em maior grau o vivido". Por meio da importância e espaço que a mídia, e especificamente o jornalismo, concede a um caso, ela ajuda a legitimar a notícia como fato histórico. Isso acontece mediante a constante recorrência ao assunto, contribuindo para que a sociedade associe determinado período da História ao fato que a mídia enfocou e validou como memorável.

Ressaltamos, com Rêgo (2012), o papel e a responsabilidade do jornalismo em uma dimensão que vai além da proximidade espaço-temporal do acontecimento, considerando sua influência nesse processo histórico. O jornalismo deve, portanto, priorizar a investigação para que a partir de sua produção exista possibilidade de refletir sobre a realidade social, sem que ocorram deturpações ou equívocos que ecoarão para sempre na memória de uma coletividade.

Existem linhas limítrofes entre a história e o jornalismo e é por isso que ora se aproximam, convergem, ora se distanciam, divergem. Embora existam diferenças evidentes, é notória a ligação entre história, memória e jornalismo. A comunidade acredita em coisas que não vivenciou, mas que foram narradas jornalisticamente. Sendo assim, realçamos o papel do jornalismo como lugar de memória (RÊGO, 2012) e também da história como constituinte da memória, pois ela deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os eventuais erros. Nesse aspecto, consideramos a trajetória das revistas piauienses com o propósito de entender a construção da história e da memória das revistas sobre a sociedade local.

### **Inventário das revistas piauienses**

Antes de iniciarmos nosso percurso histórico sobre o jornalismo de revista piauiense é pertinente ressaltarmos que o propósito deste trabalho é conhecer como o jornalismo de revista nasceu e se desenvolveu no Piauí, assim, relacionamos as principais publicações verificadas em âmbito regional durante os séculos XIX e XX, como um registro histórico para a sociedade atual sobre a consolidação das revistas. Escolhemos não investigar a fundo as edições, pois a variedade e a quantidade de revistas constatadas no decorrer desses dois séculos no estado não nos permitiria praticar tal investigação dentro das limitações de um artigo, além do mais, muitos dos impressos citados não existem mais.

O jornalismo no Piauí nasceu oficialmente com a publicação do impresso chamado *O Piauiense*, em 15 de agosto de 1832, na então capital Oeiras. O periódico apresentava discurso oficial em suas páginas, o que o marcou como sendo uma veiculação de caráter governamental, conforme assinala Rêgo (2001). Contudo, Celso Pinheiro Filho (1997) observa que a primeira revista piauiense só surgiu mais de 40 anos depois, exatamente em 1874, após a mudança da capital para Teresina, com a denominação *Revista Mensal*. Sob a direção de Miguel Sousa Borges Leal Castelo Branco, a publicação tinha cunho comercial, mas oferecia distribuição gratuita que perdurou até 1879.

Todavia, fazemos a ressalva de que, além da *Revista Mensal*, Bastos (1994) cita no "Dicionário Histórico Geográfico Piauiense" a revista *Lux* como tendo nascido no mesmo ano, 1874. A publicação, segundo o autor, tinha caráter científico e literário e era redigida por Francisco Gil Castelo Branco. Nesse caso, as duas seriam as precursoras do jornalismo de revista praticado no Piauí no século XIX seguidas pelo *Almanack Piauiense*, uma série

de folhetos de circulação anual datados de 1879 a 1883 em sua primeira fase, contendo "diversos documentos históricos sobre a província, apontamentos para a crônica piauiense, descrição da cidade de Teresina e relação nominal do eleitorado do Piauí", enquanto na segunda fase, circulou em 1903 e 1905 (BASTOS, 1994, p. 278).

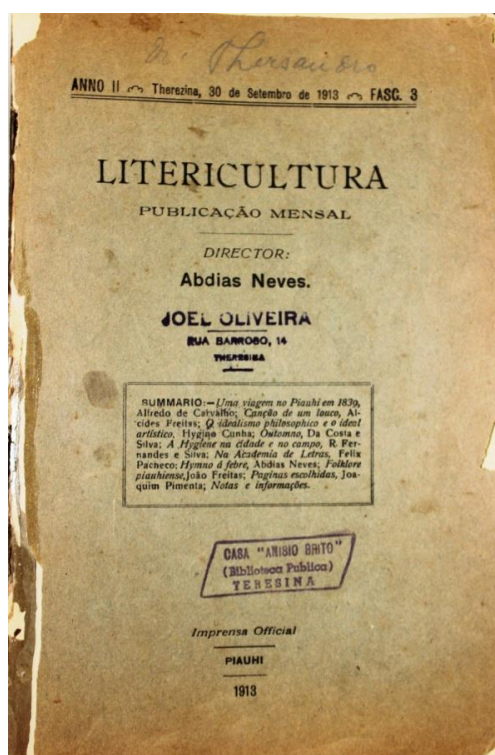
Logo em 1883, o mesmo autor aponta para o surgimento da *Revista Mensal da Sociedade União Piauiense*, e em 1887 da *Revista Mensal de Literatura, Ciências e Artes* redigida em 32 páginas por Leônidas Benício de Mariz e Sá e Nascimento Filho, em Teresina. Nesses primeiros anos da trajetória das revistas piauienses, verificamos que as veiculações eram esporádicas, com distanciamento de anos entre uma publicação e outra. As revistas eram escritas, impressas e veiculadas, principalmente, na capital do Piauí. Algumas saíram em apenas um número tal eram as dificuldades de produção, impressão e veiculação da época, a exemplo da mensal *Revista Piauiense*, de 1896.

A primeira revista do século XX foi a *A Pena*, de 1902, publicação quinzenal da Oficina Literária José Coriolano, de aproximadamente 16 páginas, a qual tinha colaboradores diversos. De acordo com Bastos (1994), a revista circulou somente de janeiro a agosto do mesmo ano. O novo século trouxe também uma novidade: a circulação da primeira revista no interior do Estado: *Revista do Grêmio Literário Amarantino*, no pequeno município de Amarante situado às margens dos rios Parnaíba, Canindé e Mulato. Até então, as publicações haviam se estabelecido apenas na primeira capital Oeiras e, depois, Teresina, portanto, a publicação constitui um marco na história do jornalismo local.

Segundo Pinheiro Filho (1997) e Bastos (1994), em 1905 saiu a *Revista Infantil* manuscrita por jovens residentes em Teresina. E de 1909 a 1910 o Piauí recebeu a revista de letras chamada *Alvorada*, que dividiu espaço na sociedade piauiense com o impresso do Grêmio Literário Raimundo Correia, do Liceu Piauiense, chamado de *Cidade Luz*, datado de 1910. Nesse período, muitas publicações literárias foram feitas por grêmios estudantis, como *Letra* (1911), do grêmio Euclides da Cunha, de alunos do Liceu Piauiense; *Via Crucis* (1912) e *Estudante* (1912), que era mensal, literária e pedagógica do Grêmio Literário Abdias Neves; *Cidade de Luz* (1913), do Grêmio Literário Raimundo Correia, do Liceu Piauiense. Em 1940 ainda encontramos publicações desse porte, a exemplo da *Voz do Estudante*, do Grêmio Literário Da Costa e Silva, das instituições de ensino Anteneu Piauiense e da Academia de Comércio do Piauí, a qual publicava poesia, contos e notícias.

Mas Bastos (1994) cita, ainda, a revista quinzenal *Evolução* como sendo de ciências, artes, letras e variedades noticiada no ano de 1910. No ano seguinte, surgiu *A Chaleira*, caricata de publicação semanal dirigida por Benedito Aurélio de Freitas. A seguir, entre 1912 a 1913, circulou a revista literária mensal chamada de *Litericultura*, redigida por Abdias da Costa Neves, João Pinheiro e Matias Olímpio de Melo e impressa na Imprensa Oficial, em Teresina, custava 1\$000 (mil réis).

**Figura 1** - Revista *Litericultura*, fascículo 3, ano II, 1913



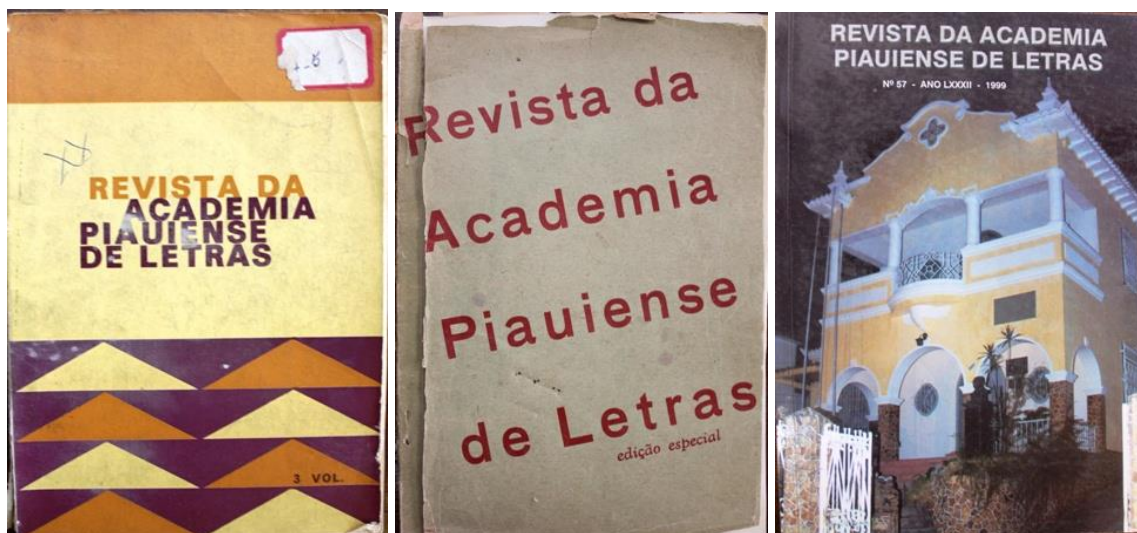
Fonte: Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito

No ano em que nasceu a revista sobre literatura e humorismo chamada *Gente Nova* (1918), surgiu também uma publicação que persiste até os dias atuais: a *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Desde o primeiro número, seu conteúdo era variado e ia de contos, poesias, história a conferências e informes. As primeiras publicações saíram com tiragem de 500 exemplares, contudo, durante esse tempo houveram várias interrupções, muitas vezes até de anos. Segundo Moura (2013, p. 3), o impresso foi criado com o propósito de manter viva a Academia Piauiense de Letras, deste modo, "constitui o primeiro suporte de divulgação e de registro da obra de muitos poetas piauienses servindo de fonte



para o resgate de obras esparsas e inéditas de autores que não chegaram a publicar em vida nenhum livro".

**Figura 2** - Capas da *Revista da Academia Piauiense de Letras* volume 3, de 1972; volume 1, edição especial, de 1974; e n. 57, ano LXXXII, de 1999



Fonte: Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito

O primeiro número da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense*, do órgão de mesmo nome, despontou em 1920. Dois anos depois, apareceu a segunda edição comemorativa do primeiro Centenário de Independência do Brasil. Somente depois de 50 anos a terceira edição Sesquicentenário da Independência foi noticiada, após a reestruturação do instituto (PINHEIRO FILHO, 1997).

Exclusivamente nos carnavais de Teresina passou a ser veiculado, a partir de 1922, um impresso ilustrado e colorido em tom humorístico sobre a festa: era a revista *O Automóvel*, que tinha tiragem de 600 exemplares. Entretanto, seus redatores e colaboradores são desconhecidos. Outra carnavalesca ilustrada surgiu em 1939 com o nome *O Camundongo*. Diversamente, em 1923 saiu a revista literária de publicação mensal *A Pátria*, que foi dirigida por Heitor Castelo Branco Filho (BASTOS, 1994).

Afora à Capital Teresina, o Inventário do Acervo de Revistas do Arquivo Público do Piauí (2005) dá conta do *Almanaque de Parnaíba*, cuja primeira edição data de 1924. Intelectuais parnaibanos e também de outras cidades piauienses escreveram para o periódico, que continha teor variado, com informes sobre o município e sobre o Estado,

além de contos, poesias e história. Posteriormente, em 1930, o Litoral viu circular *A propaganda*, revista comercial e literária, que divulgou contos, poesia e tinha intensa propaganda sobre produtos e casas comerciais da cidade. Igualmente em Parnaíba, conforme Pinheiro Filho (1997), outra revista surgiu em 1949 e tinha o nome de *Cultura*. Era uma publicação da Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural, redigida por Cândido de Almeida Ataíde, Pe. Antonio Monteiro Sampaio e Moacir Rodrigues da Cunha.

Como campo interdisciplinar, o jornalismo abarca muitos assuntos. Na história das revistas publicadas no Piauí, notamos uma forte ligação com a história e a literatura. Um exemplo pode ser citado com a ilustração de *A Revista*, do Cenáculo Piauiense de Letras, que circulou entre 1927 a 1928. A edição era exclusivamente literária sem anúncios nas suas 30 a 40 páginas de poesias, contos, "poemetos" (espaço para pequenos poemas), discursos. Por vezes, homenageava alguém no espaço ilustrado da capa.

**Figura 3** - A capa da segunda edição de *A Revista* n. 2, vol. 1, de 1927 homenageou o governador Mathias Olympio de Mello



Fonte: Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito

Imediatamente, em 1928, surgiu a revista semanal *Cidade Verde; Lavandeira* em 1930; em 1933, *A Garota*, literária e social dirigida por Moura Rego e Ribamar Ramos. No mesmo ano foi lançada uma revista mensal, literária, humorística e noticiosa denominada *Gleba*, que tinha conteúdo literário, biográfico, noticioso e informativo, enquanto em 1935 surgira a *Revista Acadêmica*, do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Piauí (mais tarde, em 1947, o órgão lançou a *Cultura Acadêmica*), e *O Meio*, "literária ilustrada sobre artes, ciência, literatura e mundanismo". Em 1936 aparecera *Educação e 4 de Outubro*, esta era uma edição comemorativa do aniversário do Liceu Piauiense, e em 1938 *Leitura Amena* - publicação trimestral (BASTOS, 1994, p. 295).

Um ano após a criação da Associação Piauiense de Medicina, que se deu em 1938, o órgão passou a veicular artigos sobre medicina e saúde pública, com contribuições e informações de cunho local que vinham dos próprios associados. O material era reunido e publicado no impresso homônimo: *Revista da Associação Piauiense de Medicina* (PINHEIRO FILHO, 1997). A veiculação de revistas por órgãos como esse demonstram a necessidade de se firmar na sociedade e de tornar conhecido o trabalho realizado, assim como se constitui importante meio de expressão e informação dos próprios sócios. Foi assim com a *Revista da Academia Piauiense de Letras*, com as publicações da Secretaria Estadual da Fazenda mais tarde, assim como com tantas outras revistas veiculadas pelo Governo do Estado, as quais apresentavam matérias ilustradas sobre as ações do governo, como a *Piauí Agora* da gestão do governador Hugo Napoleão na década de 1980.

A Fundação Cepto (Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí), também vinculada ao Governo do Piauí, fez circular, em 1978, a revista *Análise Conjuntural da Economia Piauiense*. Segundo o Inventário do Acervo de Revistas do Arquivo Público do Piauí (2005), esta era uma publicação cujo objetivo era divulgar as pesquisas realizadas pela instituição, portanto, continha informações sobre a economia piauiense. Além dessa, a *Piauí Sumária*, publicação que trazia dados sobre diferentes aspectos, e a *Carta Cepto* foram lançadas pela Fundação; essa última ainda circula como revista semestral, que versa a respeito dos aspectos demográficos sociais, econômicos e históricos do estado do Piauí. Em 1983 circulou também a revista *Indicadores Conjunturais da Economia Piauiense* sobre o mesmo teor da primeira - a economia piauiense.

A partir da metade do século XX, as publicações de diferentes revistas passaram a aparecer em datas mais próximas umas das outras ou mesmo simultâneas. Em 1944, notamos a *Revista Caduceu* e *Revista Zodíaco*, esta, do Centro Cultural Lima Barreto, do Ginásio Demóstenes Avelino, publicou artigos sobre literatura, poesia, contos e notícia. Mais duas em 1948: *Cultura*, veiculada em Parnaíba, e *Revista das Cooperativas*, Teresina. E mais duas em 1949: *Revista Carnavalesca* e *De Revestrés*.

Passou a existir, em 1954, a *Panóplia*, da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí, que trazia matérias relativas ao ofício jornalístico, mas também veiculava literatura e história. Entre 1957 e 1959 circulou a revista trimestral *Econômica Piauiense* dirigida pelo professor Raimundo Nonato Monteiro Santana, a qual publicou textos sobre história econômica, assim como informações sobre economia, geografia e outros assuntos. Também em 1957, encontramos a revista *Piauí Judiciário*, publicação oficial do Tribunal de Contas do Estado sobre doutrina, e mentário, legislação e jurisprudência. O órgão veiculou outro expediente em 1979, o qual foi nomeado *Revista do Tribunal de Contas do Piauí* a respeito de processos, ordens de serviços. Mas em 1958, apareceu a revista semestral *Clube dos Advogados*, e em 1959, a *Revista Piauiense dos Municípios* (ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ, 2005).

Outras revistas que circularam na década de 1970 foram *A Mafrense*, revista de interesse geral que divulgava assuntos de interesse do Estado e dos municípios, sob a direção do escritor J. Miguel de Matos; *Detalhes*, que oferecia reportagens e mundanismo, fundada e dirigida pelo casal Ronaib Oliveira e Elvira Raulino Oliveira, em 1971. Neste mesmo ano, surgiu a revista *Leia*, com notícias de política, fundada e dirigida por João Carlos Dias. E em 1977, começou a circular um impresso semestral de literatura e artes, chamado *Revista Cirandinha* (PINHEIRO FILHO, 1997).

A *Presença* surgiu como uma publicação da Secretaria Estadual da Cultura em 1974. Em 1992, a editoria do impresso ficou a cargo da Fundação Estadual de Cultura e do Desporto, hoje, Fundação de Cultura do Piauí (Fundac). Tinha feição literária, mas também publicava história, entrevista, biografia e matérias sobre cultura. Em seguida, 1975, apareceu a *Revista de Teresina* editada pela Prefeitura da Capital, trazia informes demográficos, educacionais e de produção da cidade, conforme aponta o Inventário do Acervo de Revistas do Arquivo Público do Piauí (2005).

Na década de 1980 a *Revista do Instituto Histórico de Oeiras* surgiu com temas relativos à história da primeira capital e, por conseguinte, do Piauí. De 1981 a 1998, a história do jornalismo local encontra na *Revista Fazendária*, da Associação dos Servidores Fazendários do Estado do Piauí, matérias sobre as diversas secretarias do Governo do Estado, mas também noticiou informes gerais sobre economia e finanças do Brasil. Em 1984, nasceu a publicação nominada *Educação Hoje*.

Outra edição de destaque na história das revistas piauienses foi a chamada *Cadernos de Teresina*. Surgida em 1987 com o objetivo de divulgar a cultura local, esta era uma revista quadrimestral informativa da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, instituição da Prefeitura Municipal de Teresina, que chegou até o século XXI com veiculações de caráter culturológico. De acordo com Rêgo (2007, p. 12), nos primeiros anos, a revista era escrita por especialistas, como historiadores, artistas, músicos, com a preocupação de aprofundar os temas para ganhar credibilidade, portanto, os textos veiculados não tinham cunho jornalístico e informativo, mas também não traziam muito "tom opinativo, a não ser nas resenhas. Editoriais e artigos, em geral, mantêm estilo mais acadêmico, mesmo que procurem, às vezes, um estilo coloquial ou jornalístico diversional".

De 1986 a 1991, consta no Inventário do Acervo de Revistas do Arquivo Público do Piauí (2005) a revista *Impacto*, noticiosa de circulação estadual. De 1991 a 1993, a revista *Contexto*, que publicava entrevistas, artigos sobre política e educação. Em 1991, revista *Espaço*; em 1994, *Revista Altoense*; 1995, *Revista de Repente*, noticiosa com matérias diversas, mas principalmente de divulgação da Fundação Nordestina de Cordel; 1996, revista *Dimensão*; 1997, *Revista da Academia de Letras do Vale do Longá*, especificamente do município de Barras, e a *Revista Acontece* do 15º Salão de Humor de Teresina. Nos anos 2000, *Revista dos Esportes*. Esses são apenas alguns exemplos de tantas edições que se propagaram no Piauí a partir dos anos 1990. Foi assim que o mercado editorial de revistas cresceu no nosso estado e que algumas revistas passaram a surgir com tons realmente noticiosos e, por vezes, especializados, contribuindo para a constituição da memória e também da história da sociedade piauiense.

### Considerações

Reiteramos a relação entre história e comunicação, história e jornalismo e realçamos a necessidade de interdisciplinaridade, pois a sociedade é esse todo e, se o jornalismo e a

história refletem o campo social, não podem, portanto, se desvincular na compreensão e no modo de relacionar as práticas coletivas. Os dois campos se aproximam em muitos aspectos, mas cada um tem sua forma peculiar de entender a sociedade, por meio dos diferentes critérios de escolha expressos nas formas de representar e de dizer sobre algo.

O jornalismo tem um papel importante na constituição da memória e da história sobre os acontecimentos. Vale observar que, no caso do jornalismo de revista, essa função pode ser verificada com mais ênfase, já que esse é um lugar onde o leitor pode encontrar o diferencial em relação ao ofício cotidiano, pois tem como característica a investigação e o tempo como aliado. A variedade, diagramação criativa e sedutora foram se aprimorando com o passar dos anos da prática desse empreendimento no Piauí e, hoje, ainda tem espaço, mesmo com a propagação da era tecnológica.

Ressaltamos a relevância em conhecer nossa história para entender melhor as práticas jornalísticas verificadas atualmente no campo regional, pois a variedade e o grande número de revistas constatadas no decorrer dos séculos XIX e XX servem como registro histórico para uma sociedade que está em constante mutação.

Logo nos primeiros anos da trajetória das revistas piauienses, conferimos que as veiculações eram muito esporádicas, escritas, impressas e veiculadas, principalmente, na capital do Piauí. Presentemente, elas estão espalhadas por todo o estado e concorrem simultaneamente com outras no mesmo espaço e tempo, ajudando a construir uma história que não tem fim e contribuindo para firmação da identidade de um povo neste local e nesta temporalidade para que gerações futuras possam analisar os costumes e práticas a partir da dessa produção.

### **Referências bibliográficas**

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário Histórico Geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. 25 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ CASA ANÍSIO ABREU. **Inventário do Acervo de Revistas**. Teresina, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. O impacto cultural da Academia Piauiense de Letras para os intelectuais do Piauí no século XX. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 27., 2013, Natal - RN. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**.

Disponível em:

<[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364750093\\_ARQUIVO\\_TEXTOPARASNH-2013\\_1\\_.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364750093_ARQUIVO_TEXTOPARASNH-2013_1_.pdf)>. Acesso em 16 ago. 2014.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da Imprensa no Piauí**. 3 ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**, 1974.

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa Piauiense: atuação política no século XX**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

\_\_\_\_\_. Revista Cadernos de Teresina - veículo de divulgação da cultura piauiense. In: RÊGO, Ana Regina. **Jornalismo, cultura e poder**. Teresina: EDUFPI, 2007. p. 249-272.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e Memória**, entre o Tempo e a Ética. In: 10º Congresso Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2012, Curitiba-PR: PUC, SBPJOR.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Filipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, Rio Grande do Sul, ano 1, n. 1, p. 1-14, jul. 2009. Disponível em: <[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_documental\\_pistas\\_teoricas\\_e\\_metodologicas.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf)>. Acesso em 13 ago. 2014.